



Obrigado, Senhor!

Obrigado, Senhor,
Pelos meus braços perfeitos,
Quando há tantos mutilados;
Pelos meus olhos perfeitos,
Quando há tantos sem luz;
Pela minha voz que canta,
Quando tantas emudeceram;
Pelas minhas mãos que trabalham,
Quando tantas mendigam!

É maravilhoso, Senhor,
Ter um lar para voltar; há tanta
Gente que não tem para onde ir!

É maravilhoso, Senhor,
Amar, sorrir, sonhar;
Há tantos que choram, que se odeiam,
Que se revolvem em pesadelos;
Que morrem antes de nascer!
É maravilhoso, Senhor, sobretudo,
Ter tão pouco a pedir
E tanto para agradecer!

de Michel Quoist.



Nov/Dez 77
ano 43
número 6

De Coração a Coração	
“Em Tudo Dai Graças”	3
Evangelismo	
10 Perguntas a um Pastor Aposentado	5
Bíblias Abertas	6
O Pastor	
A Verdadeira Atitude de um Autêntico Líder Religioso	7
Artigos Gerais	
Justificação	11
O Dom de Línguas na Igreja de Corinto	17
O Lar do Pastor	
Nenhuma Cadeira Vazia	22
Notas Breves	24

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Carlos A. Trezza
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Rubén Pereyra

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Rolf Belz

Depto. de Arte:
Henrique C. Kaercher

Diagramação:
Edilmar Côte-Real
Francisco Marques
Erlo Köhler
Wilson F. Almeida

Assinatura Anual:
Cr\$ 84,00
US\$ 6,00

Número Avulso:
Cr\$ 14,00
US\$ 1,00

Editado bimestralmente
pela **Casa Publicadora
Brasileira**, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
O Ministério Adventista,
Caixa Postal 07-1042 —
70000 - Brasília — DF.

“Em Tudo Dai Graças”

Ao escrever aos Tessalonicenses, S. Paulo os exorta, no capítulo cinco, a não apagar o Espírito, a não desprezar as profecias, a abster-se de toda espécie de mal, a orar sem cessar, a sempre regozijar-se, e a dar graças em tudo. É esta uma mescla curiosa, embora não seja rara: elementos considerados de grande magnitude, como apagar o Espírito — sendo que este ato está relacionado com o pecado imperdoável — encontram-se na mesma lista que outros aparentemente insignificantes, como regozijar-se. Quando se refere ao espírito agradecido — qualidade que parece ser de pouca importância — diz expressamente: “Porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”. Afigura-se que, para S. Paulo, manifestar gratidão não é somente um bom costume, mas também um elemento importantíssimo na vida cristã e no ministério.

Por que, porém, dar graças? A verdade é que, julgando friamente, quem menos pareceria ter motivos de agradecimento era Paulo. Teve que enfrentar demasiada oposição e demasiadas privações em sua vida. Não obstante, através do que escreveu e na forma em que agiu, revelou que era dominado por um amplíssimo espírito de gratidão.

Manifestou gratidão por Cristo, a quem chama “Dom Inefável” (II Cor. 9:15). Essa gratidão se devia a que Ele o tornara idôneo para participar da herança dos santos na luz, libertara-o do império das trevas e o transportara para o reino de Cristo, outorgando-lhe redenção e perdão de pecados (Col. 1:12-14).

Manifestou gratidão pela honra de ser um ministro, aquela estranha estirpe de homens que pareciam enganadores, desconhecidos, moribundos, entristecidos e pobres, mas na realidade eram verazes, bem conhecidos, viviam plenamente, estavam sempre alegres e possuíam tudo, vivendo para enriquecer a outros (II Cor. 6:8-10). Disse ele: “Sou grato para com Aquele que me fortaleceu, a Cristo Jesus nosso Senhor, que me considerou fiel, de-

Quando se refere ao espírito agradecido — qualidade que parece ser de pouca importância — diz expressamente: “Porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”.

Rubén Pereyra
Associação
Ministerial da
Divisão
Sul-Americana.

signando-me para o ministério ” (I Tim. 1:12).

Manifestou gratidão pela igreja, a “meus irmãos, amados e mui saudosos”, a quem chama de “minha alegria e coroa” (Filip. 4:1); “nossa glória e nossa alegria” (I Tess. 2:20). Ao pensar na igreja, disse: “Cumpramos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros, vai aumentando” (II Tess. 1:3).

Como ministros, quantos motivos temos também para ser agradecidos! Temos o mesmo maravilhoso Cristo Salvador que Paulo possuía; pertencemos ao mesmo ministério sagrado da reconciliação a que ele pertencia, e somos pastores de um povo abnegado e dedicado como não há outro na Terra — um povo com limitações, como as igrejas de Paulo, mas um povo extraordinário.

Há muitas outras razões para sermos agradecidos: “Quando abris os olhos pela manhã, dai graças a Deus por vos haver guardado durante a noite. Agradecei-Lhe a paz que tendes no coração. De manhã, ao meio-dia e à noite, qual suave perfume, ascenda ao Céu a vossa gratidão”. — *A Ciência do Bom Viver*, p. 253.

E quanto bem nos fazem as ações de graças! Disse um pregador: “Não há sentimento à parte do amor que produza tantos benefícios ao espírito humano como o da gratidão”. Ellen G. White acrescenta: “Coisa alguma tende mais a promover a saúde do corpo e da alma, do que um espírito de gratidão e louvor”. — *A Ciência do Bom Viver*, p. 251.

Existem no mundo duas famílias, constituindo cada uma delas uma unidade inseparável, sendo, porém, inimigas irreconciliáveis entre si. Eis os membros de uma delas: amor, gratidão, serviço, consagração, abnegação, humildade, fé, mansidão, alegria, paciência, cortesia, lealdade, espírito de perdão. O pai de todos eles é o amor, e a mãe é a gratidão. Todos os outros

**De Coração
a Coração**

são filhos. É bem difícil separar um do outro. A pessoa agradecida será cortês, leal, perdoadora e cheia de fé.

A outra família possui também um pai e uma mãe. O pai é o egoísmo. "O egoísmo é a essência da depravação (*Mordomia e Prosperidade*, p. 24). "O egoísmo, eis a raiz de todo mal" (*Evangelismo*, p. 459). Não sabemos quem é a mãe, mas poderia ser a ingratidão.

Seus filhos são a ambição, o ódio, a amargura, a crítica, a inveja. A gratidão mata a ambição. No ministério pode confundir-se o desejo de progresso e eficiência — que é uma virtude — com a ambição, que é um defeito. Cremos não estar equivocados ao dizer que a diferença entre ambos está na existência ou na ausência do espírito de ação de graças. Um obreiro vai a uma igreja pequena e humilde. Ele se esforça, ora e trabalha. Alegra-se pela oportunidade de servir. É grato a Deus, à associação e à igreja pelo apoio e a honra que lhe foram concedidos. Este é um obreiro realizado e feliz e que será chamado a maiores responsabilidades, embora não as busque. Logo estará numa igreja maior; o mesmo espírito o acompanhará ali, e continuará desfrutando o ministério e sendo uma bênção aonde quer que vá.

Outro fica decepcionado com a pequena igreja que lhe designaram, e aspira a "maiores alturas". Não vê razões de agradecimento, portanto seu ministério é um calvário: o martírio do inconformado, o sofrimento do frustrado, a amargura do desprezado. Jonas foi egoísta, sofreu porque não agradeceu a honra de possuir uma mensagem tão extraordinária, de ser um ministro ou da maravilhosa conversão de Nínive. Seu espírito se secou na amargura, como se secou a aboboreira de sua choça. Faltava em sua vida a água da gratidão.

A gratidão é também um antídoto contra o ódio. "O que a vida nos dá afinal, depende do que encontra em nós", disse o Dr. Harry Emerson Fosdick. Não poderei odiar a quem me fez um bem, e o fato é que tenho recebido algum bem de todos! Portanto não poderei odiar a quem quer que seja, e, sim, manifestar gratidão para com todos. Como recompensa, também receberei gratidão, serviço e amizade.

A gratidão nos ajuda a enfrentar situações difíceis. "Quando a vida se torna penosa, a gratidão a suaviza". Quando o navio em que Paulo viajava

Como ministros, quantos motivos temos também para ser agradecidos! Temos o mesmo maravilhoso Cristo Salvador que Paulo possuía.

para Roma estava a ponto de naufragar, a situação era desesperadora: "E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se afinal toda a esperança de salvamento". Atos 27:20. Paulo acalmou os 276 passageiros que durante 14 dias e 14 noites padeciam sem comer. "Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos". Atos 27:35.

É por isso que ele dá este conselho à igreja e ao ministério: "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco". Não há dificuldade que amargure a pessoa agradecida, nem obstáculo que não seja suavizado por sua ação de graças, nem inimigo que não se transforme em amigo com um "muito obrigado" pronunciado com amor e sinceridade.

1977 está passando. Olhemos um pouco para trás. Que vemos? Sem dúvida, houve lutas e problemas, mas encontraremos também infindas razões para ser agradecidos: Cristo, o ministério, a igreja, as providências divinas e a proteção durante o ano, e porque apesar das lutas conseguimos sobreviver com alegria. Agradecimentos à igreja por suas bondades, por seus progressos, por seu apoio, pelo carinho manifestado! Agradecimentos à família pelo que ela significou para nós! E enfiaremos logo um novo ano: 1978. "O que 1978 afinal nos dará, dependerá do que encontre em nós". Iniciemo-lo com espírito de gratidão. A gratidão torná-lo-á um ano mais feliz.

Tens motivos de agradecimento? Aprendeste algo, fizeste novas amizades, alcançaste vitórias? Sentes-te feliz por conhecer a Cristo, por ser um ministro, por pertencer à igreja? Sê grato a Deus por tudo isso. Ser-te-á muito benéfico. Mas não olvides aqueles que, além de Deus, te têm ajudado ou te têm sido uma inspiração. Agradece também a eles. Faze-o, "porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus" para tua vida. ■

10 Perguntas a um Pastor Aposentado

Muitos homens no mundo estão descansando depois de anos e anos de trabalho. São os aposentados do ministério. Ao aproximar-se o momento da aposentadoria, há três atitudes possíveis: sonhar com o dia de sua chegada, aceitá-la quando vem começar o descanso, ou aceitá-la como algo de praxe e continuar trabalhando para ajudar a terminar a obra. Não há nada de mal nas duas primeiras atitudes quando se trabalhou duramente e se dedicou as melhores energias para a obra. Mas queremos louvar aqueles que querem continuar lutando até o fim, porque crêem que estamos num momento da História no qual não há tempo a perder.

Entrevistamos um dos valentes soldados da reserva, que decidiram ficar na luta do crente. Trata-se do Pastor OSCAR DOS REIS, aposentado no início de 1975. Fizemos-lhe as seguintes perguntas:

R. P.: *Quantos anos de sua vida dedicou ao serviço do ministério adventista?*

O. R.: Dediquei 37 anos de minha vida ao trabalho da obra adventista.

R. P.: *Durante esses 37 anos, que trabalhos o irmão realizou?*

O. R.: Fui diretor-auxiliar de colportagem, obreiro bíblico, professor de Bíblia e português, preceptor de colégio, pastor distrital, evangelista de Campo, departamental de Escola Sabatina, Atividades Leigas e Mordomia, e, num período de quase dez anos, presidente de Associação.

R. P.: *Segundo sabemos, logo após sua aposentadoria, o irmão radicou-se perto do colégio, em Hortolândia, SP; mas também sabemos que posteriormente mudou de opinião. Poderia explicar-nos o que causou essa mudança?*

O. R.: Após minha aposentadoria pela Divisão, minha esposa e eu fixamos residência em Hortolândia. Em seguida, fomos rever os parentes no Rio Grande do Sul, e assistimos a um proveitoso curso de geriatria na Assembleia Legislativa, liderado por reitores de universidades e médicos da Associação Nacional e Internacional de

Pelo Espírito de Profecia aprendemos que o ideal (mesmo aposentado) é continuar tendo vida criativa.

Rubén Pereyra

Geriatrics. Naquele curso aprendemos que a pessoa precisa preparar-se psicologicamente para enfrentar o primeiro ano de aposentadoria. E... então vem o perigo da inércia. E mais, pelo Espírito de Profecia e baseados nesse curso, aprendemos que o ideal (mesmo aposentado) é continuar tendo vida criativa, procurando desenvolver a divina arte de envelhecer, feliz, com saúde, praticando exercícios físicos regulares, usando alimento próprio para a idade, e, sobretudo, conservando o entusiasmo, isto é, tendo Deus dentro de nós ("Vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim". Gál. 2:20). Inspirados por estes princípios, em 1975 voluntariamente, sem salário, cuidamos de duas igrejas em Jundiá, SP: a central e em um bairro. Possivelmente ficaríamos complexados se permanecêssemos inertes em Hortolândia (Jerusalém!). No começo de 1976, com prazer aceitamos o convite da Associação Paulista para dirigir o grande distrito de Piracicaba, onde estamos até agora, tentando fazer o melhor, como aposentado.

R. P.: *Pode dar algumas informações sobre o distrito de Piracicaba?*

O. R.: O distrito tem três igrejas organizadas e quatro grupos, com mais de mil membros na Escola Sabatina.

R. P.: *Quais foram suas atividades durante o ano de 1976?*

O. R.: Durante esse ano fizemos uma série de conferências na sede do distrito; recoltei pessoalmente e sozinho mais de trinta mil cruzeiros. Realizamos semanas de reavivamento nas três igrejas principais e, naturalmente, dirigimos as várias construções no distrito todo.

R. P.: *Sabemos que o irmão foi evangelista por muito tempo. Qual é o método que, atualmente, como Pastor, usa no distrito que está dirigindo?*

O. R.: Considero que todo tipo de evangelismo traz frutos se a ele nos dedicamos de todo coração. Fazemos evangelismo pessoal, usando a força leiga, colocando toda a juventude na linha de frente e dando o máximo apoio aos entusiastas desbravadores que são

Erangelismo

uma força positiva no trabalho do amor em ação. Os jovens são organizados para o trabalho. Procuramos proporcionar recreações sadias, como acampamentos para desenvolver as necessidades sociais da vibrante juventude adventista, preferivelmente dando a liderança aos estudantes universitários.

R. P.: *Quais foram os resultados do seu trabalho durante o ano de 1976?*

O. R.: Batizamos 113 almas, sendo que nosso alvo era de 80. Convém destacar as igrejas de Limeira e Piracicaba, onde batizamos mais de cem pessoas e onde os adultos e jovens mais participaram num esforço unido.

R. P.: *Tem alguma experiência especialmente destacada do trabalho do ano passado?*

O. R.: É interessante que em Piracicaba converteu-se há alguns anos um padre católico, hoje Pastor Adventista, conhecido como "Padre Oscar", e também foi batizada sua irmã Inês, que foi freira por longos anos. Em dezembro do ano findo batizamos outra ex-freira que pertenceu à paróquia do Padre Oscar, como fruto do trabalho pessoal de um leigo: o irmão Valverde. Passando hoje pela principal rua comercial de Piracicaba, vi numa das boas casas de tecidos uma curiosa placa: "Do dia 13 em diante esta casa estará fechada de sexta à tarde até segunda-feira". É que alguns dos membros da

Considero que todo tipo de evangelismo traz frutos se a ele nos dedicamos de todo coração.

paróquia do "Padre Oscar", proprietários dessa loja, decidiram aceitar a mensagem e guardar o sábado, sendo alguns já batizados.

R. P.: *Quais são seus planos para os meses finais de 1977 e para 1978?*

O. R.: Todas as igrejas do distrito foram inspiradas a abrir a obra em lugares novos. A Igreja Central de Limeira vai construir a terceira igreja num próspero bairro, onde realizarão uma animada série de conferências. É um lugar novo. Em Piracicaba, na Vila Rezende, também vamos efetuar uma animada campanha evangelística com vistas a fundar a segunda igreja nessa cidade. O mesmo acontece em Rio Claro, onde os fiéis desejam neste momento fundar outra igreja. Já se realizou ali evangelismo ao ar livre, por não ser possível encontrar um bom salão para alugar. Eles já compraram o terreno para essa finalidade.

R. P.: *Por que o senhor não descansa, se já trabalhou até agora quase 39 anos?*

O. R.: Cristo virá em breve. Os sinais são surpreendentes. "A noite vem, quando ninguém pode trabalhar". O maior prazer é ver almas ganhas pelos nossos esforços. "O amor de Cristo nos constringe".

Não será este um desafio para obreiros ativos e aposentados? ■

Bíblias Abertas

Na Assembléia Plenária da DSA, realizada em junho, foi votado solicitar à Sociedade Bíblica do Brasil uma edição da Bíblia, de 57.000 exemplares, contendo um suplemento com estudos para orientar o leitor no descobrimento das verdades bíblicas. O plano estará em estudo nas próximas semanas, por parte das Uniões, para fazer o contrato definitivo.

Os departamentos de Publicações,

MV, Atividades Leigas e a Associação Ministerial se uniram numa campanha especial para difundir essas Bíblias, que serão distribuídas pelos colportores das três Uniões do Brasil, pelos MV, através de uma grande campanha missionária jovem, pelos leigos e pelos pastores e evangelistas, através da grande campanha primavera 1978, por meio da qual se espera colher, mediante cursos de investigação bíblica, os frutos dessa distribuição.

Várias entidades, a DSA, as três Uniões do Brasil, o Hospital Adventista Silvestre, no Rio de Janeiro, e a Companhia de Alimentos da DSA financiarão essa edição por meio de empréstimos, que serão devolvidos depois de serem vendidas as Bíblias.

A seguir, a mesma campanha se estenderá a outras Uniões da América do Sul. Aguardem notícias. ■

A Verdadeira Atitude de um Autêntico Líder Religioso

As atitudes são as verdadeiras raízes das ações. Aparentemente invisíveis, são responsáveis não somente das respostas simpáticas ou antipáticas das pessoas com quem nos relacionamos, mas também — o que é muito mais importante — do resultado final de nossa vida inteira. Por esta razão, “um ministro do evangelho não deve ser indiferente quanto às suas atitudes” (*Testimonies*, vol. 1, p. 648). Se esse ministro fosse um dirigente religioso, teria que prestar muito mais atenção a suas atitudes, porque as conseqüências que delas resultam serão imensamente superiores às de um ministro que não é dirigente religioso.

Estudaremos as atitudes de um dirigente religioso observando a vida de um líder espiritual que aparece nas Escrituras Sagradas. Toda a Bíblia segue o método de ensinar as lições para a vida, mostrando a vida dos homens que as aprenderam. Por contraste, também costuma mostrar a vida daqueles que fracassaram em seu aprendizado, com o propósito de que não repitamos suas vidas fracassadas. No caso que estudaremos se darão as duas situações: uma vida triunfante, que mostra as atitudes verdadeiras de um verdadeiro líder; e uma vida fracassada, que revela as atitudes errôneas responsáveis pelo referido fracasso. O incidente a que faço referência se encontra em II Reis 5:15-27. Nele aparecem as atitudes de Eliseu e de Geazi. O relato contém e descreve as *três atitudes básicas* que conduzem ao êxito e transformam um homem num verdadeiro líder religioso; e elas: o exercício da vontade sem interesse pessoal, a permanência no terreno de Deus e a generosidade espiritual.

I. O Verdadeiro Dirigente Religioso Exerce sua Vontade sem Interesse Pessoal

Quando Naamã, depois de cumprir as condições impostas pelo profeta, viu seu corpo — anteriormente leproso — completamente purificado, sentiu profundo reconhecimento a Deus, até o ponto de exclamar: “Eis que agora re-

Estudaremos as atitudes de um dirigente religioso observando a vida de um líder espiritual que aparece nas Escrituras Sagradas.

Mário Veloso
Secretário
Departamental dos
MV e de
Temperança da
Divisão
Sul-Americana.

conheço que em toda a Terra não há Deus senão em Israel!” II Reis 5:15.

De acordo com o costume daqueles tempos, Naamã ofereceu a Eliseu um presente custoso (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, pp. 186, 187). Ele desejava mostrar seu profundo agradecimento a Eliseu seguindo os costumes da época, e lhe disse: “Agora, pois, te peço aceites um presente do teu servo”. II Reis 5:15.

A palavra que a versão portuguesa traduz por “presente” é *Berakah*, cujo significado literal é “bênção”. Naamã, ao oferecer a bênção, se transforma numa “pessoa de *Berakah*”, frase que em Provérbios 11:25 é traduzida como “alma generosa” — o que se pode entender perfeitamente na atitude de Naamã. Não obstante, a idéia central presente na “pessoa de *Berakah*”, não se refere tanto ao simples ato de dar, como ao pleno exercício da vontade sem interesse pessoal. Esta atitude se revela com toda a clareza na resposta de Eliseu: “Tão certo como vive o Senhor em cuja presença estou, não o aceitarei”. V. 16.

A raiz hebraica *Lacaj*, presente na frase “não o aceitarei”, não somente contém a simples idéia de rejeição; expressa antes a idéia de que o profeta tem um princípio por causa do qual não pode aceitar o presente oferecido por Naamã, porque a única retribuição que o dirigente religioso aceita por suas realizações em favor de outras pessoas provém de Deus. O substantivo formado com a mesma raiz do verbo *lacaj* significa “alguém que cativa”, “discurso persuasivo”, “doutrina”, “instrução”. Como o verbo está no negativo, cumpre entender que o profeta não se deixa cativar pelo valor material representado pelo presente de Naamã, porque tem uma doutrina superior à persuasão da riqueza.

Naamã insistiu, porém. O relato bíblico diz que “instou” com o profeta “para que o aceitasse, mas ele recusou” (II Reis 5:16).

A expressão “recusou”, em hebraico, significa “repelir por controle da vontade”. O que controla a vontade do

profeta não é o desejo egoísta de posse material, completamente alheio às atitudes de um verdadeiro líder religioso, porque um ministro inteiramente consagrado a Deus “não luta por honras ou riquezas terrestres; seu único desígnio é falar aos outros acerca do Salvador, que Se deu a Si mesmo para trazer aos seres humanos as riquezas da vida eterna. Seu mais elevado desejo, não é juntar tesouros neste mundo, mas chamar a atenção dos indiferentes e desleais às realidades eternas” (*Obreiros Evangélicos*, p. 339).

A vontade do verdadeiro dirigente religioso deve ser controlada pelos princípios que originaram a atitude de Eliseu: segurança da presença de Deus na vida do dirigente, e conhecimento vivencial da doutrina que dá segurança às ações.

O contraste da atitude de Eliseu com a atitude de Geazi, *lacaí*, que se utiliza em forma negativa para descrever a atitude de Eliseu, aparece em forma positiva nas palavras de Geazi. Disse ele: “Tão certo como vive o Senhor hei de correr atrás dele, e receberei dele alguma coisa”. II Reis 5:20. Geazi não presta atenção à doutrina nem vive ante a presença de Deus; ele simplesmente se deixa cativar pela riqueza; o sentimento egoísta de posse controla sua vontade. Este controle egoísta da vontade não somente se manifesta numa ambição de bens materiais; constringe expressar-se de um modo mais sublimado e até mais aceitável para um dirigente religioso, na busca do êxito pessoal. Há uma diferença tão grande como eram distintos Eliseu e Geazi. O primeiro estava interessado na salvação de Naamã, e o segundo se interessava no ouro de Naamã. Enquanto Eliseu se transformava no verdadeiro “homem de bênção”, Geazi era o próprio símbolo do “homem de maldição”. Disse-lhe o profeta: “Portanto a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua descendência para sempre”. “Então saiu de diante dele leproso, branco como a neve”. II Reis 5:27.

II. O VERDADEIRO DIRIGENTE RELIGIOSO PERMANECE NO TERRENO DE DEUS

Naamã apresentou um estranho pedido a Eliseu: “Peço-te que ao teu servo seja dado levar uma carga de terra de dois mulos; porque nunca mais oferecerá este teu servo holocausto nem sacrifício a outros deuses, senão ao Senhor”. II Reis 5:17. Tanto o pedido de levar uma carga de terra como a manifestação de que ele não serviria

A vontade do verdadeiro dirigente religioso deve ser controlada pelos princípios que originaram a atitude de Eliseu: segurança da presença de Deus na vida do dirigente, e conhecimento vivencial da doutrina que dá segurança às ações.

a outros deuses, mas somente a Jeová, expressam a mesma decisão.

Naquela época existia a idéia religiosa de que cada deus tinha sua própria terra e que somente se podia adorar ali. A conquista de uma terra não somente era considerada como uma nova posse dos povos que a conquistavam, mas também como uma posse do deus adorado pelo conquistador. Em consequência, se Naamã fosse adorar o Deus de Israel na Síria, devia levar uma porção de terra israelita para relacionar-se com o Deus de Israel. Para nós, isto pode ser uma idéia demasiado infantil; mas naqueles dias tinha enorme significado para as pessoas. Por esta razão, o pedido de Naamã demonstra sua sinceridade religiosa e a profundidade de sua decisão de servir somente a Deus (Ralph W. Sockman, “Exposição do Primeiro Livro de Reis”, *The Interpreter's Bible*. Nova Iorque: Abingdon Press, 1954, T. III, p. 213).

Naamã considera que para servir a Jeová precisa manter-se em permanente contato com a terra de Jeová. Eliseu não contradisse esta posição de Naamã, porque compreende que — embora o conceito seja demasiado formal — de todas as maneiras expressa a atitude interior de Naamã; o que importa, contudo, não é a parte formal destacada por Naamã, e, sim, a parte espiritual que se dá no âmbito das atitudes e que o profeta Eliseu expressou com a frase “vive o Senhor em cuja presença estou” (II Reis 5:16).

A frase “em cuja presença estou” acha-se construída sobre a raiz hebraica *Amad*. Este verbo significa “estar diante de”, “servir” “confiar”, “defender”, “suster”, “tomar firmemente uma posição a favor de”, “permanecer”, “persistir”. Eliseu declara que havia tomado uma firme posição a favor de Deus e permanece nela. A idéia de permanecer junto a Deus através de ações que pertençam à esfera da presença de Deus revela a verdadeira atitude que deve manter um dirigente religioso.

As ações de Geazi, que não presta atenção a essa atitude, nem sequer em seu aspecto formal destacado por Naamã, nos ajudam a compreender o que significa manter firmemente uma posição ao lado de Deus e dentro da esfera de suas ações. Consideraremos brevemente o que Geazi realizou, porque cada uma de suas ações é um exemplo do que está fora da esfera das ações divinas, e portanto fora das atitudes e da conduta de um verdadeiro dirigente religioso.

1. *Geazi presta uma informação fa-*

vorável a seus propósitos: ele tem um projeto egoísta. Não está preocupado com a salvação de Naamá nem se interessa em defender os princípios divinos mantidos pelo profeta Eliseu. Deseja unicamente o êxito pessoal e o triunfo de seu projeto. Quando se encontra com Naamá, este lhe pergunta: "Vai tudo bem?" II Reis 5:21. Geazi respondeu: "Tudo vai bem". II Reis 5:22.

A palavra hebraica que aparece na pergunta e na resposta é *Shalom*, e expressa a idéia de "perfeição", sendo usada para significar paz e para indicar a existência de um coração sem intenções dúplices, entre muitas outras idéias expressas por esta palavra complexa (Roberto Paker, Girdlestone, *Synonyms of the Old Testament*. Grand Rapids, W. M. B. Eerdmans, Publishing Co., 1897, p. 95). Geazi declara que não tem intenções dúplices ao apresentar sua informação. Desafortunadamente, sua informação não é veraz, e seu coração tem segundas intenções. Informa que chegaram dois jovens, filhos dos profetas, e que Eliseu necessitava de um talento de prata e de dois vestidos novos para eles.

Com uma informação errada, Geazi alcança seus propósitos. Consegue mais dinheiro que o solicitado. Seu projeto, aparentemente, teve pleno êxito. O êxito costuma ser o ingrediente que, segundo a prática do mundo, santifica os procedimentos. Mas, "o mundo não deve ser critério para nós" (*Testemunhos para Ministros*, p. 463).

As intenções ocultas de Geazi permaneceram invisíveis para Naamá. No entanto, o que os homens não vêem, Deus o percebe com nítida clareza. E o dia do juízo chegou para Geazi mais rapidamente do que ele esperava. As egoístas intenções dúplices que sacrificam os princípios não ficam ocultas para sempre.

O verdadeiro dirigente cristão anda muito longe dos passos de Geazi, porque "os que têm sobre si cargos administrativos em ligação com a causa de Deus, podem-se permitir ser justos e leais; podem-se permitir tratar as coisas segundo os justos princípios" (*Obreiros Evangélicos*, p. 452).

2. *Geazi tinha coisas secretas que não desejava revelar a seu colega.* O relato nos informa que os dois moços de Naamá levaram a prata e os vestidos até chegarem "a um lugar secreto". Então ele "tomou-os das suas mãos, e os depositou na casa; e despediu aqueles homens, que se foram" (II Reis 5:24).

A palavra traduzida por "lugar secreto" (na versão castelhana) em hebraico

Naquela época existia a idéia religiosa de que cada deus tinha sua própria terra e que somente se podia adorar ali.

é *ofel*, que significa "colina". A Versão dos Setenta e a Vulgata traduzem essa palavra como "trevas do anoitecer" (Norman H. Snaith, "A Exegese de Segundo Reis", *The Interpreter's Bible*, T. III, p. 215). O lugar secreto de Geazi pode ter estado numa colina que se levantava entre a casa de Eliseu e o lugar em que se encontrou com Naamá. A tradução "trevas do anoitecer" parece ser um erro nas versões citadas; no entanto, bem poderia ser uma ilustração da atitude tenebrosa que revela um dirigente religioso quando mantém segredos perante seus companheiros de trabalho, pois isto impede que tenha uma verdadeira comunicação com eles, indispensável para que cada um possa sentir-se plenamente integrado à tarefa e à missão que o Senhor confiou a Sua Igreja.

Na realidade, essa atitude implica *sacrificar* a personalidade dos que colaboram com tal dirigente, porque lhe impõem uma ação completa, sem que ele conheça todos os elementos que estão em jogo. E, portanto, sua ação não inclui sua completa responsabilidade pessoal. Somente há plena *responsabilidade pessoal* quando a pessoa que atua conhece com clareza todos os elementos que estão em jogo nessa ação.

Esta é uma atitude que tende a *forçar a vontade* dos outros, de um modo arbitrário. "Aqueles a quem se ordena representar os atributos do caráter do Senhor saem da plataforma bíblica, e em seu próprio juízo humano inventam regras e resoluções para forçar a vontade de outros. Os inventos para forçar os homens a seguir as prescrições de outros homens, estão instituindo uma ordem de coisas que anula a simpatia e a terna compaixão; que cega os olhos para a misericórdia, a justiça e o amor de Deus. A influência moral e a responsabilidade pessoal são pisadas a pés". — *Testemunhos para Ministros*, p. 363.

Tal atitude conduz facilmente ao *devidido controle do juízo pessoal dos colaboradores*, o que está completamente contra as instruções divinas. "Não sejam adotados em qualquer de nossas instituições planos ou métodos que prendam o espírito ou o talento sob o domínio do juízo humano, pois esta não é a ordem de Deus. Deus tem dado aos homens talentos de influência que só a Ele pertencem, e não pode haver maior desonra a Deus do que um agente finito pôr os talentos de outros homens sob seu absoluto controle, mesmo que os benefícios

deles auferidos sejam usados para vantagem da obra. Em tais arranjos o espírito de um homem é governado pelo espírito de outro, e o agente humano é separado de Deus e exposto à tentação. Tendem os métodos de Satanás para um fim: Tornar homens escravos de homens. E quando assim acontece, a confusão, a desconfiança, o ciúme e as más suspeitas disso resultam. Tal atitude destrói a fé em Deus e nos princípios que devem dominar para expurgar o engano e toda a espécie de egoísmo e de hipocrisia". — *Idem*, pp. 360 e 361.

Essa atitude de Geazi, completamente contrária aos propósitos divinos, conduz também a outro pensamento cujas conseqüências são igualmente desastrosas: a idéia de que a autoridade com que se investiu a um dirigente lhe concede o direito de exercer domínio sobre seus irmãos. Em relação com isto existem instruções claras da parte de Deus nas seguintes palavras: "O espírito de domínio está-se estendendo até aos presidentes de nossas associações. Se um homem ansioso de exercer seus próprios poderes procura ter domínio sobre seus irmãos, achando que foi investido de autoridade para fazer de sua vontade o poder dominante, o melhor e único rumo seguro é removê-lo, para que não haja mal maior e ele perca sua própria alma e ponha em perigo a alma de outros. 'Todos vós sois irmãos'. A disposição de mandar sobre a herança de Deus causará reação, a menos que esses homens mudem de atitude. Os que têm autoridade devem manifestar o espírito de Cristo. Devem lidar como Ele lidaria com cada caso que requer atenção. Devem ir possuídos do Espírito Santo. A posição de um homem não o torna um jota ou um til maior à vista de Deus; é só o caráter que Deus toma em consideração". — *Idem*, p. 362.

3. *Geazi não era sincero.* Quando Eliseu lhe perguntou: "Donde vens, Geazi?", respondeu ele: "Teu servo não foi a parte alguma" (II Reis 5:25). Sabemos perfeitamente aonde Geazi tinha ido, quão longe se havia apartado da companhia do verdadeiro dirigente de Deus, o homem que mantinha como supremo interesse a salvação do pecador Naamã, e que atuava dentro da esfera do que Deus aprova, porque sua vontade era plenamente controlada por Deus e Sua doutrina. Nesse instante, Geazi se encontra fisicamente ao lado desse homem, porém muito distante espiritualmente. Sua separação da verdadeira conduta selou-a como uma ati-

A sinceridade é realmente uma das virtudes mais belas de um dirigente espiritual. Referimo-nos a uma sinceridade que saiba dizer a verdade sem que esta ofenda, porque brota de um coração espiritualmente generoso.

tude de completa falta de sinceridade.

A sinceridade é realmente uma das virtudes mais belas de um dirigente espiritual. Referimo-nos a uma sinceridade que saiba dizer a verdade sem que esta ofenda, porque brota de um coração espiritualmente generoso.

III. O Verdadeiro Dirigente Religioso é Espiritualmente Generoso

Quando Naamã explicou a Eliseu que sua assistência ao templo de Rimom, levando o rei, não implicaria adoração a esse deus, mas simplesmente o cumprimento de seu dever para com o rei, o profeta não tomou uma atitude exagerada nem procurou ver debilidades que não estavam presentes na decisão tomada por Naamã de servir somente a Jeová. Simplesmente respondeu: "Vai em paz" (II Reis 5:19).

Essa generosidade espiritual é indispensável nas atitudes de um dirigente religioso, porque o tornará um colaborador de Deus e lhe permitirá ser eficiente na atenção pastoral daqueles a quem precisa dirigir.

Tal atitude se origina na compaixão e na simpatia, no amor e na compreensão. "Os anjos de Deus estão observando a ver quais de seus seguidores exercerão terna compaixão e simpatia. Observam a ver quais dentre o povo de Deus manifestarão o amor de Jesus.

"Os que avaliam a miséria do pecado, e a divina compaixão de Cristo em Seu infinito sacrifício pelo homem caído, terão comunhão com Cristo. Seu coração estará cheio de benignidade; a expressão da fisionomia e o tom da voz manifestarão simpatia, seus esforços caracterizar-se-ão por sincera solicitude, amor e energia, e ajudados por Deus, serão uma força em ganhar almas para Cristo". — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, p. 506.

Tal generosidade espiritual constitui a beleza da plena confiança que forma o ambiente de um verdadeiro dirigente cristão.

IV. Resumo

Em nosso resumo final, não queremos fazer referência aos defeitos de Geazi, nem às conseqüências desastrosas de sua lepra. Somente queríamos prestar atenção aos traços positivos, belos, atraentes, magníficos do verdadeiro dirigente religioso. Ele exerce sua vontade sempre em forma comple-

tamente desinteressada. Não tem objetivos pessoais, porque permanece constantemente dentro do terreno das ações que Deus aprova, e mantém uma permanente generosidade espiritual que produz tranquilidade nos que são dirigidos por ele e estimula o progresso

Justificação

Em
Texto: Romanos 1:16 e 17; 3:19-31,

Esta é a passagem da Escritura que finalmente trouxe o frêmito da libertação à alma de Lutero em sua procura da salvação. Tornou-se o brado que originou a grande reforma do século XVI. Esta passagem também continua sendo a bússola permanente de todo verdadeiro protestantismo e o próprio âmago das Mensagens dos Três Anjos.

Aprendemos aí como a *lei e o evangelho* são diferenciados em suas funções opostas de requisito e dádiva, de condenação e justificação, sendo porém unidos no plano de Deus com a mesma finalidade: que o homem ande novamente com Deus como filho obediente que confia na vontade de seu Pai. Para confiar em Deus precisamos conhecer muito bem o evangelho, e não somente de maneira vaga e emocional.

O grande evangelista Jorge Whitefield perguntou certa vez a um mineiro em Cornwall, Inglaterra, o que ele cria.

— Oh! — respondeu o mineiro — eu creio o que minha igreja crê.

— E o que crê sua igreja? — indagou o evangelista.

— Bem, a igreja crê o que eu creio.

— Mas, que crêem vocês dois? — insistiu Whitefield.

— Nós cremos a mesma coisa — replicou o mineiro.

Não devemos supor que nossos ovinos estão inteirados do evangelho e que devemos, portanto, concentrar-nos em outros assuntos além do evangelho para prender-lhes a atenção. Não se poderia cometer maior erro do que

leu:
Antes de Lutero tornar-se o grande reformador, a mais terrível e alarmante palavra da Bíblia para ele era "justiça".

Hans K. LaRondelle
Professor de Teologia na Universidade Andrews.

Artigos Gerais

espiritual de cada um deles no lugar onde se encontram, até a perfeição em Cristo Jesus.

(Sermão apresentado perante a Comissão da Divisão Sul-Americana, no culto devocional do dia 24 de junho de 1977.)

esse. Ellen G. White recomenda o seguinte no livro *Evangelismo*, p. 186: "Muitas pessoas... são lamentavelmente ignorantes quanto ao plano de salvação; *precisam mais de instrução quanto a esse tema todo-importante, do que sobre qualquer outro.*

"São necessários discursos teóricos, para que o povo veja a cadeia da verdade, elo após elo, ligando-se num todo perfeito; *mas nunca se deve pregar um sermão sem apresentar a Cristo, e Ele crucificado, como a base do evangelho...* Se não é apresentado o dom gratuito da justiça de Cristo, os discursos são áridos e sem vigor; as ovelhas e os cordeiros não são alimentados". (Grifo acrescentado.)

Consideremos sucintamente como Lutero descobriu o evangelho. Embora vivesse na obscura Idade Média, ele começou a estudar a Bíblia. Designaram-no para ensinar as Escrituras Sagradas, e sua alma sedenta ansiava pela verdade.

Antes de Lutero tornar-se o grande reformador, a mais terrível e alarmante palavra da Bíblia para ele era "justiça". Até mesmo quando lia Romanos 1:17: "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé", sua alma sensível tremia, percebendo a santa justiça de Deus e sua própria indignidade aos olhos do Senhor. Esforçava-se, portanto, ao máximo para realizar penitências e todas as boas obras prescritas pela Igreja. Em sua opinião, o principal característico de Deus era Sua justiça, pois não toleraria o menor pensamento de desejo egoísta. Lutero só podia conceber a justiça de Deus de acordo com o significado latino dessa palavra, que encerrava apenas a idéia jurídica de justiça distributiva ou punitiva. Por conseguinte, os teólogos escolásticos discerniam a justiça de Deus como equivalente a: Deus é Juiz.

Era-lhe, portanto, um inexplicável enigma como Davi pôde orar no Salmo

31: "Livra-me por Tua justiça", ou como pôde dizer no Salmo 143: "Responde-me segundo a Tua justiça"; pois a palavra "justiça" só ressoava aos ouvidos de Lutero como a ira e o castigo eterno da parte de Deus.

Em desespero, ele voltou-se para o Novo Testamento em busca de conforto. Qual é o verdadeiro significado do evangelho? Abriu o livro de Romanos, e começou a ler o primeiro capítulo, encontrando então estas palavras no verso 16: "O evangelho... é o poder de Deus para a salvação".

Salvação! Era isso que Lutero tinha procurado por muitos anos, mas não conseguira encontrar. E agora Paulo lhe declara que o evangelho é o poder de Deus para a salvação. Lutero fica excitado! Ele deseja encontrar o segredo do evangelho e prossegue avidamente a leitura: "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho..." V. 17. Lutero se detém aí. Paulo está removendo a última esperança de seu coração, dizendo-lhe que o próprio evangelho é uma revelação da justiça de Deus.

Como podia Paulo chamar o próprio evangelho de "justiça"? É o evangelho outra manifestação da lei? Se fosse correto dizer isto, o próprio evangelho condenaria o pecador; pois a justiça não significa sempre que Deus lida com todo homem de acordo com o que ele merece?

Lutero procurou compreender o texto estudando o seu contexto. Ele chegou a Romanos 3:21: "Mas agora, *sem lei*, se manifestou a justiça de Deus..." Subitamente, aclarou-se-lhe a visão. Pela graça de Deus ele conseguiu ver agora o que Paulo queria dizer: a justiça de que o apóstolo falava não era uma justiça requerida ao homem, mas uma justiça *oferecida* ao crente no evangelho, sendo portanto uma profunda expressão da graça de Deus! Deus oferece ao crente a justiça de Cristo como Sua própria justiça. Esta é a salvação do evangelho. Ele justifica o pecador mediante a justiça de Cristo. A justiça do evangelho não é nossa obra, e, sim, o dom de Deus pelo qual Ele nos justifica e nos torna justos! Foi nesse momento que Lutero encontrou libertação. Chegou até a cantar. Os Salmos tornaram-se atraentes. Disse ele:

"Pareceu-me ter nascido de novo e penetrado no Paraíso através de portas recém-abertas. De repente, a Bíblia começou a falar-me de maneira bem diferente. A própria expressão: 'A justiça de Deus', que antes eu detestava, era agora a que eu mais apreciava. Foi

Salvação! Era isso que Lutero tinha procurado por muitos anos, mas não conseguira encontrar. E agora Paulo lhe declara que o evangelho é o poder de Deus para a salvação.

assim que essa passagem escrita por Paulo tornou-se-me a entrada do Paraíso. A Escritura assumiu imediatamente um novo aspecto". (WA 54:185).

A descoberta de Lutero foi uma *descoberta exegetica*, que lhe trouxe um novo conceito de Deus e uma nova relação com Ele, não mais baseados nas virtudes de Lutero e em seu amor a Deus, mas na justiça de Deus e em Seu amor a Lutero! Não encontrara a Deus no moralismo, racionalismo ou misticismo, mas exclusivamente na compreensão da cruz de Jesus Cristo segundo a mensagem do evangelho. Daí em diante Lutero gloriou-se na cruz, onde estava sua invencível certeza de salvação! Elaborou uma nova espécie de teologia, que a Igreja não conhecera desde o tempo do apóstolo Paulo: a *teologia da cruz*, em contraste com a teologia de gloriar-se no êxito e nas aptidões humanas. A teologia de Lutero começava e terminava com a cruz: "Deus só pode ser encontrado no sofrimento e na cruz" (LW 31, 53). E isto não pode ser compreendido por percepção sensorial ou por contemplação mística, mas unicamente pela fé.

A Base de Nossa Justificação

Lutero concentrou-se intensamente na conclusão central da mensagem de Paulo, segundo aparece em Romanos 3:28: "Concluimos, pois, que o homem é *justificado pela fé*, independentemente das obras da lei".

"Fé" tem aí o sentido de *fé em Cristo* como o prometido Cordeiro de Deus, fé na justiça de Cristo como sendo nossa, confiança em Seus méritos como totalmente suficientes para nos apresentarmos a Deus.

Seus méritos *não completam* nossos próprios méritos, mas constituem nossos *únicos* méritos diante de Deus. Este é o princípio fundamental do evangelho a ser levado em conta não só pelo descrente, mas também pelo crente. Até mesmo o grande pregador e apóstolo Paulo confessou: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo". Gál. 6:14.

Nossas obras de obediência à vontade de Deus, as boas obras de crenças renascidos, nada valem, porém, diante de Deus? Não são efetuadas com o auxílio do Espírito Santo? Os frutos do Espírito de Deus em nossas obras e em nosso caráter são frutos essenciais de nossa justificação. Mas a nossa justificação não se baseia neles. A base e a causa de nossa justificação com

Deus não é nossa obediência, mas a obediência de Cristo.

Está escrito em Romanos 5:19: "Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de Um só muitos se tornarão justos".

Não devemos confundir os frutos com a base!

Disse Jesus: "Assim também vós, depois de haverdes feito tudo quanto vos foi ordenado, dissei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer". S. Luc. 17:10.

Paulo pergunta com o mesmo efeito: "Que tens tu que não tenhas recebido? e, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?" I Cor. 4:7. Em Romanos 4:4 e 5, ele estabelece o seguinte contraste entre o verdadeiro e o falso meio de salvação: "Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e, sim, como dívida. Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça".

Aí está o ponto decisivo! *Não se deve trabalhar* a fim de ser justificado. Deve-se crer e confiar em Cristo para ser justificado. A essência do evangelho não é "faça!", mas: "feito!" Não: "esforce-se!", mas: "creia!"

Não precisamos ser bons a fim de ser salvos. Precisamos, porém, ser salvos para ser bons. Não somos salvos pela fé e as obras, mas pela fé que opera.

Paulo ilustra este princípio da justiça pela fé em Romanos 4 por dois exemplos extraídos do Velho Testamento: Abraão e Davi. Notai, portanto, que o Velho Testamento ensina o *mesmo* evangelho que o apóstolo Paulo!

Esse apóstolo cita um dos versículos mais notáveis de todo o Velho Testamento: Gênesis 15:6, onde está escrito a respeito de Abraão: "Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça".

Isto é justificação pela fé! Pela fé no SENHOR! Pela fé na promessa do Senhor! Foi sob essa condição que o Senhor justificou a Abraão, *considerando-o* justo no critério divino. E é esse critério que realmente tem valor. É esse critério que dá descanso à consciência turbada do homem. Unicamente a decisiva Palavra de Deus traz paz à alma e alegria ao coração. Abraão foi justificado por sua fé.

O outro exemplo é Davi, ao confessar no Salmo 32:1 e 2: "Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo

"A justiça de Deus, que antes eu detestava, era agora a que eu mais apreciava. Foi assim que essa passagem escrita por Paulo tornou-se-me a entrada do Paraíso".

pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniquidade, e em cujo espírito não há dolo". Onde Davi fala da bem-aventurança do homem perdoado a quem o Senhor não atribui pecado, Paulo interpreta esse texto de maneira positiva, dizendo que "Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras" (Rom. 4:6). Aqui Paulo interpreta o perdão do Velho Testamento como justiça pela fé.

Isto dá a Ellen G. White o direito de afirmar: "Perdão e justificação são uma só e a mesma coisa". — SDABC, vol. 6, p. 1070. Como é evidente, portanto, que necessitamos de justificação diária, e a mesma justificação recebida pelos santos do Velho Testamento! Ao passo que eles aguardavam a morte do Cordeiro de Deus, para nós esse acontecimento se acha no passado; mas a eficácia da cruz de Cristo se achava e sempre se acha disponível.

No Apocalipse vemos como o anjo de Deus "ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso, com as orações dos santos" (Cap. 8:3 e 4).

Que significa esse ato simbólico? Que mesmo os frutos do Espírito, nossas orações, o louvor e a confissão do pecado, estão tão maculados por nossa natureza carnal, que "a menos que sejam purificados por sangue, jamais podem ser de valor perante Deus" (*Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 344).

Exclama Ellen G. White: "Oxalá vissem todos que quanto à obediência, penitência, louvor e ações de graças, tudo tem que ser colocado sobre o ardente fogo da justiça de Cristo! A fragrância desta justiça ascende qual nuvem em torno do propiciatório". — *Ibidem*.

Todos temos, portanto, necessidade de *justificação diária* pela fé em Cristo, quer tenhamos transgredido consciente ou inconscientemente. Por isso Davi orou a Deus no Salmo 19: "Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas". V. 12. Ele confessou a insondável profundidade de seu coração pecaminoso à luz da santa lei de Deus e admitiu que nem sequer conhecia plenamente a si mesmo. Suplicou então a absolvição divina de seus pecados ocultos. Implorou a *graça perdoadora* de Deus,

não somente para pecados isolados, mas também para sua coração pecaminoso.

Jeremias refere-se a essa dimensão do pecado, ao escrever: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?" Em Sua providência, não nos coloca o Senhor reiteradas vezes em diversas situações e variadas circunstâncias, para que descubramos os defeitos de nosso caráter de que não tínhamos conhecimento? Constantemente nos são reveladas certas faltas de que não suspeitávamos. (Ver *A Ciência do Bom Viver*, p. 471.)

Como precisamos conhecer a Deus a fim de conhecer a nós mesmos! Necessitamos dEle a todo momento. E quanto mais O conhecermos, tanto mais nos convenceremos da necessidade que temos dEle e tanto maior será nossa confiança em Suas promessas. Foi por isso que João escreveu aos crentes: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". I S. João 1:8 e 9. O verbo "purificar" está no tempo presente. Precisamos de perdão e purificação diária da parte de nosso Sumo Sacerdote no Céu.

Que é Justificação Pela Fé?

Segundo a definição bíblica, justificação pela fé em Cristo é a *imputação* divina da justiça de Cristo a nossa própria pessoa. E o "ajuste" legal com Deus em consideração a Cristo. Este é o ensino do ritual do santuário no Velho Testamento, de Isaías 53 e também de II Coríntios 5:21: "Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus".

A fé tem de *preceder* nossa justificação individual, segundo é declarado em Gálatas 2:16: "Temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo". A fé não é nosso salvador ou o meio de salvação. Ela é unicamente o conduto da salvação. A fé aceita a Cristo como Salvador pessoal, e apodera-se dEle. Então somos individualmente justificados por Deus.

Deus colocou todas as nossas iniquidades sobre Cristo, na cruz. Mas podemos participar agora do ato de Deus confessando-Lhe nossos pecados em verdadeiro arrependimento e aceitando a Cristo como nossa Justiça. Nossa sincera condenação própria e nossa acei-

Não precisamos ser bons a fim de ser salvos. Precisamos, porém, ser salvos para ser bons. Não somos salvos pela fé e as obras, mas pela fé que opera.

tação de Cristo como o Santo é nosso ato de fé que glorifica a Deus pelo fato de justificá-Lo.

Davi declara no Salmo 51: "Pequei contra Ti, contra Ti somente, e fiz o que é mal perante os Teus olhos, de maneira que serás tido por justo no Teu falar e puro no Teu julgar". E Lucas afirma que os que eram batizados por João Batista, tendo confessado os seus pecados, *justificavam* a Deus (S. Luc. 7:29).

A confissão de nossas culpas, selada em nosso batismo, justifica a Deus por declarar desse modo que Ele é justo e atribuir-Lhe irrepreensibilidade. Finalmente se dobrará todo joelho diante do trono de Sua santidade para confessar a justiça e a bondade de Deus (Isa. 45:23).

Nossa justificação não pode ocorrer de outra maneira senão pela fé em Cristo como nossa única Justiça. Isto constitui a graça de Deus.

Todo pensamento ou esforço para obter algum mérito por nossa obediência diante de Deus destrói imediatamente a graça — a natureza da cruz de Cristo. Paulo é muito enfático a esse respeito. Ele declara em Gálatas 2:21: "Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão". E chega mesmo a dizer em Gálatas 3:10: "Todos quantos, pois, são das obras da lei, estão debaixo de maldição"; e em Gálatas 5:4: "De Cristo vos desligastes vós que procurais justificar-vos na lei, da graça decaístes". Em Romanos 11:6, ele deduz portanto: "E se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça".

Paulo está tratando aí de dois princípios ou sistemas diferentes de existência diante de Deus: um é pela graça, e o outro é pelas obras ou pela lei. Ele não coloca a lei de Deus em oposição à graça de Deus! Simplesmente estabelece uma antítese irreconciliável entre a justiça pela lei e a justiça pela graça!

O apóstolo desmascara o mau uso da lei pelos judaizantes. Deus nunca tencionou que a lei servisse de vara para medir a justiça de Israel. Pelo contrário, Ele transmitiu Sua lei em meio de aterradoras manifestações de Sua santidade, a fim de que, *por contraste*, Israel pudesse discernir a pecaminosidade de seu próprio coração. (*O Desejado*, p. 226.)

A lei foi dada para nos convencer do pecado, e não como meio de justificação. Mediante a condenação da lei o homem poderia ver mais claramente a necessidade de um Salvador e a indispensabilidade do Homem de Nazaré.

A lei é o instrumento usado pelo Espírito Santo para conduzir-nos a Cristo, para que sejamos justificados pela fé nEle. Assim é preservada a santidade da lei na justificação pela fé.

A justificação é a garantia e a certeza de nossa aceitação da parte de Deus. Não pode ser substituída por nenhuma outra coisa. Constitui o único meio de salvação. Não há outro plano. Tanto o Velho como o Novo Testamento indicam o mesmo caminho para o eterno Reino de Deus. Abraão é chamado o pai de todos os crentes, tanto judeus como gentios.

Muitos não vêem a unidade espiritual do Velho e do Novo Testamento em Cristo. Confundem o Velho Testamento com o farisaísmo e separam completamente os dois testamentos. Existe, porém, uma diferença fundamental entre o Velho Testamento e o legalismo farisaico. Legalismo não é a obediência pela fé de que fala a Bíblia.

Para Cristo e Seus apóstolos, o evangelho do sangue de Jesus não era uma religião diferente da que existiu no Velho Testamento, mas o seu desdobramento. Em Romanos 3:21, Paulo indica claramente que a justiça pela fé em Cristo está em perfeita harmonia com os ensinamentos do Velho Testamento, pois declarou que é "testemunhada pela lei e pelos profetas". Além disso, de acordo com Gálatas 2:15 e 16, ele disse para Pedro: Nós, como judeus, sabemos "que o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Cristo Jesus"; e "temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado".

Em última análise, podemos dizer que o apóstolo recorre aí novamente ao Velho Testamento, onde é declarado numa das orações oficiais de Israel: "Não entres em juízo com o teu servo, porque à Tua vista não há justo nenhum vivente". No juízo, ao ser cotejado com o divino padrão de justiça, nenhum homem, nenhum israelita, possui justiça em si mesmo. Este conceito da pecaminosa natureza humana diante de Deus é uma *parte essencial* da fé do Velho Testamento, expressa também em muitas outras passagens dos escritos hebraicos (Jó 14:4; 15:14; 25:4; I Reis 8:46; Ecles. 7:20).

Israel podia encontrar justificação no santuário e, mais tarde, no templo sobre o monte Sião — o lugar da habitação de Deus. O Médico celestial achava-Se ali, querendo comunicar Seu bálsamo curativo e restaurador a todo penitente

A fé não é nosso salvador ou o meio de salvação. Ela é unicamente o conduto da salvação. A fé aceita a Cristo como Salvador pessoal, e apodera-se dEle.

que cresse no Cordeiro de Deus.

De acordo com Levítico 4:31, o sacerdote levítico era designado por Deus para fazer expiação pelo crente por meio da aspersão do sangue do substituto — "e lhe será perdoado". Este perdão é agora oferecido diretamente por Cristo, do santuário celestial. O perdão divino é a resposta de Deus para nossa condenação total. O pecador arrependido que é justificado está justificado perante a lei, porque está em Cristo (Rom. 8:1).

O perdão nunca é, portanto, uma justificação parcial, e, sim, a restauração completa ao favor divino. É isto que a consciência perturbada necessita saber constantemente. Cada dia incorremos em novas culpas por causa de nossa natureza carnal, pondo assim em risco a nossa felicidade e segurança em Cristo. Muitas pessoas se acham física e mentalmente doentes devido a sentimentos de culpa e remorso.

O dirigente da maior instituição psiquiátrica de Londres disse recentemente: "Se as pessoas que estão aqui simplesmente pudessem crer no perdão, eu poderia enviar amanhã metade delas para casa".

É isso que Jesus realiza, segundo S. Lucas 18. Ele escandalizou os orgulhosos judeus contando-lhes a história do fariseu e do cobrador de impostos que subiram ao templo com o propósito de orar.

O fariseu era muito grato a Deus pelo que não tinha feito, e gabava-se de sua moral e de sua disciplina própria. Disse Jesus, porém, a respeito do coletor imoral que, todo envergonhado, confessou seus pecados a Deus: "Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele". S. Luc. 18:14.

Isto constituiu uma dupla surpresa para os judeus. Primeiro porque não foi o homem devoto e religioso que conseguiu ser aceito, mas o desprezado pecador; segundo, porque o cobrador de impostos não foi justificado no juízo final, mas ali mesmo e naquele próprio momento!

Justificação *no presente* constitui realmente a maior necessidade do homem, seu mais profundo anseio de justiça e o único bálsamo que curará sua alma. E todos necessitam dela. Por isso Cristo está atraindo todos os homens a Si mesmo. É Sua prerrogativa perdoar os nossos pecados, imputando-nos Sua própria justiça e curando-nos pelas Suas pisaduras.

A Justificação Restaura a Alma

A justificação pela fé em Cristo é o

bálsamo que restaura nossa alma. Deve ser, porém, uma fé pessoal num Salvador pessoal, apoderando-se dos méritos do sangue de Cristo.

Aquele que apresenta a Deus o Salvador crucificado e ressurrecto como seu único merecimento, jamais será rejeitado. Jesus prometeu: "O que vem a Mim, de modo nenhum o lançarei fora". S. João 6:37.

Cristo conhece quem dEle se aproxima com o toque da fé pessoal. Quando a multidão se comprimia em volta do Mestre, uma pobre mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, avançou entre eles, dizendo para si mesma: "Se eu apenas Lhe tocar as vestes, ficarei curada".

E no momento em que ela O tocou, sentiu no corpo estar curada de sua enfermidade. Toda a sua fé em Jesus concentrou-se naquele único toque. Cristo distinguiu esse toque de f dos toques casuais da multidão descuidada. Visto que ela O tocara com um firme propósito, Ele a curou, dizendo: "Filha, a tua fé te salvou". S. Mar. 5:34.

Aprendemos aí como a fé pode tornar-se uma viva realidade. Cristo percebeu "que dEle saíra poder" (S. Mar. 5:30) mediante o toque de fé pessoal. Assim também, nas coisas espirituais, há uma diferença entre o contato casual de uma opinião a respeito de Jesus e a fé que O aceita como Salvador pessoal. Ellen G. White exprimiu-o com muito acerto em *A Ciência do Bom Viver*, p. 62: "A fé salvadora é um ajuste pelo qual os que recebem a Cristo se unem em concerto com Deus".

Isto é fé viva, fé que justifica, fé que restaura, fé que opera, fé que vence o mundo.

Possuímos semelhante fé? Oh! como necessitamos orar fervorosamente: Vem, Senhor, ajuda-me na minha falta de fé! Como nossa alma precisa estar mais unida com Ele!

Jesus curará as almas enfermas de pecado se as conduzirmos a Ele com fé. O paralítico de Cafarnaum almejava ver a Cristo e receber a certeza do perdão dos próprios lábios do Salvador. Seus amigos levaram-no ao Mestre, o qual estava ensinando na casa de Pedro. Não conseguindo entrar na casa, eles descobriram o eirado no ponto correspondente ao lugar em que estava Jesus, e baixaram o enfermo a Seus pés.

Lemos em S. Marcos 2:5: "Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados". Que significou isto para ele? Eis a resposta:

A lei foi dada para nos concenecer do pecado, e não como meio de justificação. Mediante a condenação da lei o homem poderia ver mais claramente a necessidade de um Salvador e a indispensabilidade do Homem de Nazaré.

"O peso da culpa cai da alma do doente. . . Quem pode negar Seu poder de perdoar pecados? A esperança toma o lugar do desespero, e a alegria o do opressivo acabrunhamento. Desaparece o sofrimento físico do homem, e todo o seu ser se acha transformado".

— *A Ciência do Bom Viver*, p. 76.

Só os fariseus negavam esse poder de Jesus. Ele realizou, portanto, a inegável cura do corpo do paralítico.

"Nada menos que poder criador exigia o restituir à saúde aquele decadente corpo. . . A cura do corpo era uma evidência do poder que renovara o coração". — *Idem*, pp. 76 e 77.

Cristo mandou que o paralítico se levantasse, tomasse o leito e fosse para casa, "para que saibais que o Filho do homem tem sobre a Terra autoridade para perdoar pecados" (S. Mar. 2:10).

O Salvador revelou a devida prioridade das necessidades humanas. Precisamos de saúde da alma antes que possamos apreciar a saúde do corpo. Para milhares de pessoas, a culpa é a causa de suas enfermidades, e só poderão ser ajudadas dirigindo-se Àquele que cura a alma. Antes que sejam curadas as suas doenças físicas, Cristo precisa curá-las com Seu bálsamo perdoador. Anseiam inconscientemente pela mensagem: "Os teus pecados estão perdoados". Esta lição não deve ser passada por alto.

A justificação do pecador é muito mais do que um ajuste legal. Vejamos que significa o perdão na parábola do filho pródigo, em S. Lucas 15.

Quando o filho perdido se arrependeu e voltou para casa, pretendendo pedir o ínfimo lugar entre os servos de seu pai, a fim de obter alimento, o pai o avistou e, compadecido dele, correu-lhe ao encontro, o abraçou e beijou, e nem sequer permitiu que o filho relatasse todos os seus pecados. Disse o pai aos seus servos: "Trazei depressa a melhor roupa; vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado". S. Luc. 15:22-24.

Vemos aí o significado do perdão divino: *ele significa completa e total restauração à qualidade de filho e à comunhão com o Pai*. Há alegria no Céu toda vez que fazemos sincera confissão de nossos pecados e de nossa aceitação da justiça de Cristo. A alegria no Céu corresponde ao regozijo da alma.

O Dom de Línguas na Igreja de Corinto

No capítulo 14 da Primeira Epístola aos Coríntios, Paulo trata realmente do problema de "falar em línguas", da maneira como se apresentava na igreja de Corinto. Conforme já dissemos, ninguém sabe ao certo e com exatidão todos os dados desse problema. Em compensação, os coríntios sabiam perfeitamente do que se tratava: cada expressão e cada pormenor correspondiam, para eles, a fatos conhecidos. No entanto, mesmo que nossa compreensão do problema tenha certas lacunas e nossa explicação consista em parte de conjeturas, as conclusões práticas do apóstolo não dão margem a dúvidas.

Desde o começo do assunto, Paulo expressa claramente sua intenção de convidar seus leitores a procurarem o dom espiritual por excelência: o dom de profecia (V. 1). Esse convite domina todo o capítulo e é repetido na conclusão: "Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar". V. 39. As razões são múltiplas, e Paulo não deixa de indicá-las, em oposição ao "falar em língua" da parte de certos coríntios. Antes, porém, de considerá-las, convém definir a modalidade de "falar em línguas" que é debatida nessa passagem.

Duas Formas de "Falar em Línguas"

Conforme já dissemos, alguns pensam que se tratava unicamente de línguas estrangeiras; do contrário, numerosos tradutores julgam que se deve encará-las como línguas extáticas. Qual é o certo? É nisto que consiste todo o problema. Por um lado, parece inconcebível que Paulo e Lucas tenham empregado num sentido diferente as mesmas expressões para designar o mesmo dom e a mesma manifestação do Espírito de Deus. Por outro lado, com o capítulo 14, também parece ser bem claro que o "falar em língua" dos coríntios contrasta com o do dia de Pentecostes. Em Jerusalém os discípulos falaram as línguas de seus ovinos, e todos entenderam quando eles falaram das "grandezas de Deus" em suas próprias línguas. Em Corinto, ao contrário, "quem fala em língua, não

Desde o começo do assunto, Paulo expressa claramente sua intenção de convidar seus leitores a procurarem o dom espiritual por excelência: o dom de profecia.

Jean Zurcher
Secretário da
Divisão
Euro-Africana.

fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios"; ele fala "consigo mesmo e com Deus" (I Cor. 14:2 e 28). Como se explica essa semelhança e essa diferença? Haverá algum pormenor que permita estabelecer a distinção?

Ao ler o texto no original grego, não podemos deixar de ficar impressionados com o emprego alternado e suficientemente definido, segundo nossa opinião, das expressões "falar em língua", no singular (Vs. 2-4, 7-17 e 26-36), e "falar em línguas", no plural (Vs. 5, 6, 18-35 e 39). É verdade que os tradutores nem sempre respeitaram a diferença ortográfica; como Segond, por exemplo, que colocou no singular as expressões no plural dos versos 18 e 21 e que não faz outras diferenças na tradução dessas duas expressões. Outros tradutores, ao contrário, acharam que deviam realçar a diferença, vertendo a expressão no singular por "língua extática ou língua desconhecida", como é o caso da *King James Version*, da *New English Bible*, da *Lettres pour notre temps*, da *Traduction OEcuménique de la Bible* e outras versões.

A diferença pode parecer insignificante, mas a análise do texto permite torná-la muito evidente. Em primeiro lugar, porque a expressão "falar em língua", no singular, é sempre acompanhada de observações negativas ou restritivas, ao passo que a expressão "falar em línguas", no plural, aparece essencialmente sob um aspecto positivo. "Eu quisera que vós todos falásseis em línguas". V. 5; "Dou graças a Deus, porque falo em línguas mais do que de todos vós". V. 18. Daí a conclusão: "Não proibais o falar em línguas". V. 39. Como a expressão no plural corresponde exatamente à que é empregada em I Coríntios 12:30, Atos 10:46 e 19:6, designando o dom de falar línguas estrangeiras, e como esse dom constitui essencialmente um meio para pregar o evangelho aos incrédulos (I Cor. 14:22), é fácil de compreender as restrições de Paulo quanto a seu uso na igreja. Com efeito, pergunta o apóstolo: "Se eu for ter convosco falando em línguas,

em que vos aproveitarei?" V. 6. E acrescenta: "Prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em língua". V. 19.

Uma Diferença Fundamental

Os versos 18 e 19 assinalam exatamente e de modo enfático a diferença entre o "falar em línguas", no plural, e pelo qual Paulo rende graças a Deus, e o "falar em língua", no singular, do qual "dez mil palavras" não valem "cinco" da outra linguagem.

O exegeta alemão, Walter Bauer, em seu *Wörterbuch zum N. T.*, comenta a respeito dessa passagem que, para Paulo, se trata menos de acentuar uma relação de quantidade do que de qualidade. Segundo esse exegeta, o advérbio *mallon* (mais) indica antes que o apóstolo rende graças a Deus pelo fato de que seu "falar em línguas" é superior ao "falar em língua" dos coríntios (cp. Filip. 1:9 e 12; 3:4). Isto é, aliás, o que a comparação do verso 19 tende a demonstrar: "cinco palavras" do falar de Paulo valem "mais" que "dez mil palavras em língua". E isso por duas razões fundamentais: o "falar em línguas" de Paulo apela para a inteligência e tem o objetivo de instruir os outros, o que não era o caso do "falar em língua" dos coríntios.

Efetivamente, se o ato de "falar em línguas" (plural) não podia ocorrer sem a cooperação da inteligência, a particularidade do "falar em língua" (singular) parecia ocorrer sem a facilidade da compreensão (V. 14). Não somente "quem fala em língua, não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios" (V. 2), mas ele próprio não sabe o que está dizendo, pois sua "mente fica infrutífera" (V. 14). Paulo respeita as disposições espirituais daquele que "ora em língua" e "canta com o espírito", sem a cooperação de sua inteligência. Quanto a ele mesmo, porém, prefere orar, cantar e falar ao mesmo tempo "com o espírito" e "com a mente" (V. 15). Salientando assim quatro vezes a importância da inteligência nos versos 14 a 19, Paulo estabelece com clareza — parece-nos — a diferença radical que existe entre "falar em línguas", dom do Espírito que tem em vista a comunicação inteligível da mensagem de Deus aos homens de outras línguas, e o "falar em língua", dos coríntios, consistindo numa torrente de *palavras misteriosas, ininteligíveis*, que não edificavam a pessoa alguma e às quais ninguém podia

"Prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em língua".

dizer "Amém", visto que não se entendia o que era dito (V. 16).

Para que uma Língua Seja Realmente uma Língua

Nos versos 7 a 12, Paulo salientou duas outras qualidades indispensáveis para que uma língua seja realmente inteligível e que parecem ter faltado no "falar em língua" dos coríntios: a distinção dos sons e o sentido exato das sílabas e das palavras. Com efeito, a articulação das palavras e das sílabas faz parte da essência das línguas humanas. Destarte, tomando como exemplo certos instrumentos musicais, Paulo pergunta: "É assim que instrumentos inanimados, como a flauta, ou a cítara, quando emitem sons, se não os derem *bem distintos*, como se reconhecerá o que se toca na flauta, ou cítara? Pois também se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha? Assim vós, se, *com a língua, não disserdes palavra compreensível*, como se entenderá o que dizeis? porque estareis como se falásseis ao ar".

Ademais, para que uma língua seja realmente uma língua, não basta multiplicar os sons e as sílabas; é necessário também que eles tenham um sentido exato, tanto para a pessoa que fala como para aquele a quem se fala. "Há sem dúvida, muitos tipos de vozes (*phonê*, som, em contraste com *glossa*, língua), nenhum deles, contudo, sem sentido (*aphonê*, sem voz, mudo). Se eu, pois, ignorar a significação da voz (*phonê*), serei estrangeiro para aquele que fala; e ele, estrangeiro para mim". Vs. 10 e 11.

Em outras palavras, a articulação distinta das sílabas e o conhecimento das palavras empregadas são indispensáveis, segundo disse Paulo, para que uma língua seja inteligível e um meio de comunicação. Para que serviria o dom de línguas se ele não fosse, precisamente, o miraculoso instrumento para transmitir o evangelho aos homens de outras línguas, em circunstâncias extraordinárias, como no dia de Pentecostes? E, como nessa ocasião, esse dom só terá sentido na medida em que contribua para a edificação da igreja (V. 12). É com essa finalidade que é outorgado esse dom, como também os outros dons do Espírito.

Edificação, Ordem e Decência

Ora, "quem fala em língua, não fala a homens" (14:2). Fala consigo mesmo (V. 28) e, por conseguinte, "o outro não é edificado" (V. 17). "O que fala

em língua a si mesmo se edifica" (V. 4). Não pode satisfazer, portanto, ao princípio fundamental enunciado e repetido nesses capítulos, de que "seja tudo feito para edificação" (V. 26). Tendo dito isso pela derradeira vez, Paulo chega às seguintes conclusões: "No caso de alguém falar em língua, (1) que não sejam mais do que dois ou quando muito três, (2) e isto sucessivamente, (3) e haja quem interprete; (4) mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja" (Vs. 27 e 28). Estas e outras restrições e ordens tinham por objetivo eliminar, mui caridosamente e pouco a pouco, o que subsistia ainda na igreja de Corinto dos costumes pagãos dum certo "falar em língua" próprio dos glotólogos dentre os adoradores de ídolos, evocados por Paulo em sua introdução (12:2).

Quanto às mulheres, especialmente indicadas nos versos 34 e 35, conhece-se o papel predominante que elas desempenhavam nos cultos pagãos, em razão de suas predisposições para manifestações dessa espécie. Por isso, Paulo não lhes faz aí a menor concessão: "Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; . . . porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja". Com certeza, no contexto do capítulo 14, convém ler: "falar em língua", visto que precedentemente o apóstolo reconheceu o direito da mulher orar em público e profetizar (11:5), isto é, de falar aos fiéis na assembleia, "edificando, exortando e consolando", segundo a definição dada e essa palavra no capítulo catorze, verso três. E com isso mesmo pode-se avaliar toda a diferença que Paulo estabelece entre o "falar em língua", cujas manifestações ele procura limitar na igreja de Corinto, e o "falar em línguas", que lhe apraz recomendar a todos, associando-o estreitamente ao dom de profecia, o dom por excelência (Rom. 12:6): "Eu quisera que vós todos falásseis em línguas; muito mais, porém, que profetizásseis" (14:5).

A Profecia Como Termo de Comparação

Há um derradeiro aspecto que, acima de tudo que vimos demonstrando, justifica a distinção que cremos ser capazes de estabelecer entre o verdadeiro dom de línguas e sua contrafação. Quando Paulo compara o "falar em língua" dos coríntios com a profecia, ele os coloca sempre em oposição. "Quem fala em língua, não fala a homens"; ao contrário, "o que profetiza, fala aos homens". O primeiro "a si mesmo se

Ademais, para que uma língua seja realmente uma língua, não basta multiplicar os sons e as sílabas; é necessário também que eles tenham um sentido exato, tanto para a pessoa que fala como para aquele a quem se fala.

edifica", o segundo "edifica a igreja" (14:2-4). "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" (V. 32), isto é, os profetas sabem o que dizem e fazem, ao passo que os que "falam em língua" parecem falar todos ao mesmo tempo, com desordem e sem compreender o que estão dizendo. Ora, "Deus não é de confusão; e, sim, de paz" (V. 33). Daí as conclusões não menos radicais: "Não havendo intérprete [para aquele que fala em língua], fique calado na igreja" (V. 28); mas, ao contrário, "procurai com zelo o dom de profetizar" (Vs. 39 e 1).

De natureza completamente diversa são as comparações entre o dom de línguas e o dom de profecia. Ao invés de colocá-los sistematicamente em oposição, Paulo estabelece estreita relação entre eles. É certo que "quem profetiza é superior ao que fala em línguas" (V. 5). Isto se deduz das listas dos diversos dons mencionados no capítulo 12. Mas, havendo tradução, o que fala em línguas estrangeiras se iguala ao profeta, visto que, tanto num como no outro caso, a igreja recebe edificação (V. 5). Os textos do livro de Atos realçam igualmente a estreita relação existente entre o dom de línguas e a profecia. Na realidade, eles se acham tão intimamente associados que se tornam inseparáveis; ao mencioná-los, Lucas sempre os coloca juntos. Segundo a explicação que Pedro deu do milagre do Pentecostes, o dom de línguas e o dom de profecia aparecem praticamente como uma só e a mesma coisa: "Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando. . . Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão". Atos 2:15-17. Com um pouco mais de colorido, Paulo declara que o dom de línguas é para o mundo o que a profecia é para a igreja: "As línguas constituem um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos; mas a profecia não é para os incrédulos, e, sim, para os que crêem". I Cor. 14:22. Graças ao dom de línguas, o evangelho pôde ser pregado a toda nação, a toda tribo, a toda língua e a todo povo. Graças ao dom de profecia, Deus fala aos crentes, "edificando, exortando e consolando" (14:3); tornam-se-lhes manifestos "os segredos do coração", e, assim, "prostrando-se com a face em terra", adorarão a Deus, "testemunhando que Deus está de fato" no meio da igreja (V. 25). É por isso que em vez de recomendar que se

calassem os que falavam em línguas estrangeiras, Paulo conclui esse capítulo dizendo: "Procurai com zelo o dom de profetizar, e não proibais o falar em línguas". (V. 39). E acrescenta esta recomendação oportuna: "Tudo, porém, seja feito com decência e ordem". V. 40.

O "Falar em Língua" dos Coríntios

Como vemos, existe realmente uma diferença entre o "falar em línguas", tal qual ocorreu no Pentecostes, e o "falar em língua" dos coríntios. Este último tem todos os característicos da glossolalia, do falar extático praticado em nossos dias nos meios carismáticos e, antigamente, nos cultos pagãos da Grécia. Em sua tentativa de explicar a fórmula abreviada: "falar em língua", Jean Héring faz esta observação interessante: "Já no mundo helenístico, *glossa* (língua) tornara-se um termo técnico para designar uma linguagem arcaica, utilizada com facilidade no culto, e às vezes até mesmo uma linguagem incompreensível como a da pítia de Delfos". Como prova, ele cita em seguida diversos exemplos de autores clássicos, gregos. (*Commentaire du N. T.*, vol. 7, p. 111, Delachaux et Niestlé, 1959.)

O próprio apóstolo Paulo sugere tal confronto ao escrever na introdução ao problema dos "inspirados" de Corinto: "Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados". I Cor. 12:2. Além disso, não chega ele a evocar certas maneiras de falar que não podem ter como fonte o Espírito de Deus (V. 3)?

Talvez alguém pergunte: Por que Paulo não condenou radicalmente essa forma de adoração pagã? Conforme já explicamos, ele atribui primeiramente esses costumes à ignorância dos que continuavam a praticá-los (12:1). A seguir, em consideração à sinceridade dos que agiam desse modo, aplica-lhes os princípios do amor descrito no capítulo 13: "O amor é paciente, é benigno...; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta". Vs. 4-7.

Paulo sabia que entre os gregos o falar extático era a forma por excelência da comunhão com a divindade. Por isso, ele não condena esta forma, em si, de comunhão com Deus. Paulo reconhece que "quem fala em língua, não fala a homens, senão a Deus" (14:2), que ele fala "consigo mesmo e com Deus" (V. 28), que de fato dá bem as graças, embora seja o único a ser edificado (Vs. 17 e 4). É por isso que

Há um verdadeiro aspecto que, acima de tudo que vimos demonstrando, justifica a distinção que cremos ser capazes de estabelecer entre o verdadeiro dom de línguas e sua contração.

Paulo procura mostrar aos coríntios que há outra maneira de "falar em línguas", qualitativamente superior, que, em vez de ser uma linguagem só para o próprio indivíduo e para Deus, é uma linguagem para os outros, da parte de Deus. E, sendo realmente assim, o próprio dom de línguas se transforma em profecia. "Eu quisera que vós todos falásseis em línguas; muito mais, porém, que profetizásseis". V. 5.

"Procurai com Zelo o Dom de Profetizar"

Para compreender a insistência de Paulo no dom de profecia, em oposição ao "falar em língua" dos coríntios, devemos colocar-nos no contexto religioso da época. Na realidade, encontramos aí em presença de dois tipos de religião e, por conseguinte, de duas fontes de inspiração (12:2 e 3): o tipo profético e o tipo místico. Ora, a profecia é para o culto do Deus verdadeiro o que o falar extático era para o culto das divindades pagãs. É por meio da profecia que Deus fala aos homens e é também por meio da profecia que o evangelho se propaga no mundo, que a igreja é edificada e que os homens são conduzidos à adoração do Deus verdadeiro (14:4, 24 e 25).

A mística das religiões gregas, ao contrário do profetismo judaico-cristão, culmina no falar extático. Ora, em vista dos costumes passados e de sua ignorância espiritual (12:1 e 2), o principal erro dos "inspirados" de Corinto consistia em crer ainda que a ação do Espírito é muito mais evidente quando o adorador se encontra em estado de êxtase; que a comunhão é muito mais perfeita quando ele perde o controle de si mesmo, por uma espécie de separação entre o espírito e a inteligência, à qual Paulo se opõe corretamente (14:14-19). Esse critério dos coríntios estava de acordo com as crenças habituais dos gregos. Em sua obra *Timeu*, Platão explica muito bem que nenhuma pessoa que está na posse de sua inteligência pode conhecer a inspiração divina e verdadeira. Segundo essa concepção de *entusiasmo* e *inspiração*, o inspirado é considerado um instrumento puramente passivo e inconsciente. Paulo não pôde deixar de opor a isso o exemplo do profeta que, estando sob a influência do Espírito de Deus, age e fala sob o controle de sua inteligência, mantendo completo domínio sobre si mesmo, porque "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" (V. 32).

É contra essa mística ainda bastante

vivaz na igreja de Corinto, que Paulo dirige suas advertências e seus conselhos. Ele o faz com muito tato, mas também com uma firmeza sem equívoco: "Se alguém se considera profeta, ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E se alguém o ignorar, será ignorado". Cap. 14:37 e 38. Visto que ele não reconhece o que provém de Deus, que ninguém reconheça, também, suas pretensas inspirações. Paulo defende assim a igreja contra a invasão de costumes pagãos. Nos capítulos anteriores, ele fez a mesma coisa em relação a outras práticas; e passa a fazê-lo agora contra certa forma de "falar em língua", própria da mística das religiões pagãs, em benefício do verdadeiro dom de línguas e principalmente em favor do dom de Profecia, que é a marca por excelência da religião do verdadeiro Deus.

Uma Coisa é Certa

Eis aí o essencial do que o apóstolo julgou necessário escrever aos coríntios no tocante ao dom de línguas e ao dom de profecia, em oposição — pensamos nós — aos resquícios pagãos do falar extático das religiões místicas da Grécia antiga. Pode-se discutir até o infinito sobre esse texto; qualquer que seja, porém, a interpretação adotada a respeito do problema debatido, uma coisa é certa: o objetivo prático, ao nível da igreja. Para não trair as intenções do apóstolo, ninguém pode apelar para o conteúdo do capítulo 14 a fim de justificar o costume de "falar em língua" da maneira como era pra-

Paulo sabia que entre os gregos o falar extático era a forma por excelência da comunhão com a divindade. Por isso, ele não condena esta forma, em si, de comunhão com Deus.

ticado na igreja de Corinto, quer se trate da simples mensagem do dom de línguas estrangeiras ou de falar em língua extática. Desde que o falar em línguas, seja qual for a sua modalidade, não contribua para a edificação dos outros e da igreja, não pode tratar-se de um dom do Espírito, pois as manifestações do Espírito de Deus são sempre concedidas "visando um fim proveitoso" (12:7).

Segundo esse princípio fundamental, enunciado diversas vezes e repetido enfaticamente como um princípio que deve reger a vida cristã, Paulo procura corrigir, limitar e mesmo eliminar tudo o que não se harmoniza com a verdade, com a ordem, com a decência e com a paz da igreja. Ao mesmo tempo, porém, o apóstolo recomenda, com não menos insistência, o único dom do Espírito pelo qual os homens podem realmente falar aos outros, da parte de Deus, para lhes proclamar o evangelho eterno e volver-lhes o coração para Deus; é o dom de profecia, no sentido claramente definido nesse capítulo (14:4). "Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia". Apoc. 19:10.

"Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos". I Cor. 14:20.

"O mundo não será convertido pelo dom de línguas, ou pela operação de milagres, mas pela pregação de Cristo crucificado". — *Testemunhos Para Ministros*, p. 424. ■

PENETRAÇÃO

Foi organizado um grupo no Cruzeiro, em Brasília, DF, a 18 de junho, como resultado da campanha da Semana Santa. Entre adultos e crianças, há 70 pessoas assistindo às reuniões. Este é um símbolo de centenas de áreas novas penetradas em 1977.

O Pastor do Plano Piloto iniciou uma série de reuniões evangelísticas para dar continuidade ao trabalho iniciado.



Pastor Burlandy e os dois líderes da Campanha SS 77.

Nenhuma Cadeira Vazia

A profusão de poinsetias floridas no quintal dos vizinhos, do outro lado da rua, e o aroma de assados de cenoura eram, por assim dizer, as únicas indicações da proximidade do Natal. A dor existente em meu coração refletia-se na morosidade de meus dedos ao pendurarem cetinosos enfeites azuis na árvore borrifada de branco. Por que será que meu esposo providenciou essa árvore? — pensei. Ela só aumentava a minha solidão!

Recordações de outras ocasiões no passado, quando um filho entusiasta e duas filhas ativas, com seus amigos, ajudaram a decorar a árvore, assar os bolinhos e embulhar os presentes, tornavam o pesar mais intenso ainda. Todos os três pareciam estar dotados de assombrosa capacidade para reunir colegas de escola que não tinham um lugar para ir durante o Natal. E possuíam também a estupenda confiança de que o Papai e a Mamãe proveriam abrigo e boa acolhida para os seus amigos.

Conquanto eu sentisse às vezes leve propensão para adquirir o complexo de mártir — como, por exemplo, na ocasião em que uma filha trouxe quatro amigas, e a outra, duas — sempre acabava apreciando mais os jovens do que eles poderiam ter apreciado o tempo que passaram conosco. Eles nunca se queixavam, mesmo quando seu “abrigo” consistia apenas no espaço necessário para estender sobre o tapete um saco de dormir. Punham mãos à obra e ajudavam em tudo, mostrando-se reconhecidos pela culinária doméstica e pelas condições meteorológicas no Natal que estimulavam a realização de piqueniques na praia. Veio-me à lembrança o rosto de cada um desses jovens de olhos azuis ou castanhos. Mas o aspecto de cabeças com cabelos ruivos e encaracolados, lisos e loiros, ou castanhos e ondedos, desvaneceu-se nos cantos da sala enquanto eu relutava em trazer a mente de volta ao calmo presente.

— Que há de errado com um pouco de solidão? — disse para mim mesma,

June Taylor
Secretária na Sede
da Associação
Geral.

**O Lar
do Pastor**

em tom de reprimenda. — Você sabe que está contente porque seu filho é um ministro e piloto numa região cheia de selvas. E sente-se feliz porque ele tem uma esposa que o anima e conforta, e um filhinho que afasta a monotonia da vida.

E continuei a reprimenda a minha própria pessoa:

— Mesmo que pudesse fazê-lo, você não quereria que sua filha, que agora é autora e professora, voltasse a ser uma menina, não é mesmo? Bem, talvez não, mas . . .

Justo nesse momento peguei automaticamente a estrela a ser colocada no alto da árvore, lembrando-me do dia em que nossa filha mais nova me ajudou a escolhê-la. A essa altura se desfez todo o estoicismo, e as lágrimas se esparramaram sobre a estrela. Refletida nas gotas reluzentes, vi nossa filha mais nova da maneira como a avistamos pela última vez, há mais de um ano, através da janela, quando nosso avião levantou vôo no aeroporto de Queens-town, Nova Zelândia. Embora estivéssemos contentes de que ela se casara com um jovem e excelente ministro do evangelho, notícias de seu precário estado de saúde, nos últimos meses, nos estavam causando grande ansiedade. E a Austrália estava literalmente a meio mundo de distância!

Depois de orar, porém, em favor de cada um dos três, coloquei a estrela firmemente na árvore, descí da cadeira e comecei a pôr a casa em ordem, fazendo ao mesmo tempo planos para o almoço de Natal, no dia seguinte.

Havíamos recomendado que a amiga de uma de nossas filhas trouxesse os seus pais para esse almoço. Ela fora batizada há pouco tempo, e estava tendo dificuldade em explicar sua nova fé para o pai e a mãe. Descobrimos então outro casal que iria enfrentar o primeiro Natal sem os filhos em casa, e também os convidamos.

Mais tarde, ao aproximar-se a hora do jantar, a casa parecia convidativa, e da cozinha emanavam agradáveis

odores. Tocou então o telefone. Peguei o receptor e ouvi a voz de meu esposo, dizendo: "Querida, isto será um choque para você, mas não soube proceder de outro modo".

Ele explicou que enquanto estava trabalhando sozinho no escritório (era meio feriado), teve de atender ao telefone, e uma jovem senhora lhe disse que tinha urgente necessidade de auxílio. Vários anos atrás, ela estudara no ginásio local, onde se tornara adventista, pelo menos mentalmente, se não no coração. Fugiu então de casa, para casar-se, e estava afastada da família. Tinha agora um bebê de três semanas de idade. O marido e o irmão estavam desempregados, e no dia anterior todos eles haviam sido postos para fora do apartamento em que residiam, por não poderem pagar o aluguel. Os três adultos e o bebê passaram a noite num dos bancos de um parque. Achavam-se agora exaustos e famintos.

— Meu bem, não pude proceder de outra maneira. Disse-lhes, portanto, que iria buscá-los. Seria bom preparar algum alimento, pois faz três dias que eles estão sem comer — acrescentou, antes de desligar o telefone.

Tendo ficado meio aturdida, mantive o receptor desligado junto ao ouvido durante mais algum tempo. Meus pensamentos estavam agitados quando pus água a ferver para o espaguete. Seria prudente hospedar estranhos, hoje em dia? Lembrei-me então destes versículos da Bíblia: "Em verdade vos digo que sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a Mim o deixastes de fazer". S. Mateus 25:45. "Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos". Heb. 13:2.

Nesse momento ouvi o carro entrando no abrigo para automóveis, e fui abrir a porta. Uma jovem magra e esquelética, que não podia ter mais de 18 anos de idade, trazia nos braços um lindo bebê.

— A senhora sabe preparar mamadeira? — perguntou-me. — Não tenho leite suficiente para ele.

Fiz o que era possível com o que havia em casa, e dentro em pouco o bebê tomava prazerosamente sua mamadeira.

Quando nos assentamos para comer, a travessa cheia de espaguete logo se esvaziou.

— A senhora é uma boa cozinheira — disse o irmão da moça, e acrescentou que foi auxiliar do cozinheiro-chefe num

Quando o Pastor veio buscá-los, o marido expressou sua gratidão pelo alimento e a cordialidade, e disse que isso lhes deu coragem para enfrentar o futuro.

hotel de turistas. Em seguida, dirigindo-me à cozinha para tomar a encher a travessa, detive os passos quando o novo pai, que era bem mais velho do que sua esposa, se referiu ao tempo que passou na prisão. Ele mencionou também que seus pais dirigiam uma empresa comercial numa pequena cidade do Centro-Oeste dos Estados Unidos. Quando voltei para o meu lugar à mesa, perguntei-lhe se gostaria de telefonar para os pais, mas ele respondeu: "Não. Eles não querem ter nada comigo desde que fui posto na prisão".

Mais tarde, depois que os hóspedes inesperados tomaram banho de chuveiro e foram para a cama, meu esposo reconheceu que o problema era muito complicado para ser resolvido por nós, e telefonou para o Pastor da igreja que freqüentávamos. Ele declarou que na manhã do dia seguinte entraria em contato com uma organização local que fora instituída para lidar com casos dessa natureza.

A seguir, nós mesmos também nos acomodamos para passar a noite. Terá sido falta de fé ou prudência que me levou a chavar a porta do quarto? Muito depois que meu esposo já estava dormindo, reflexões sobre como pôr em prática os ensinamentos de Jesus num mundo afligido pelo pecado e o crime mantiveram-me acordada por longo tempo.

Na manhã do Natal, não houve cadeiras vazias à mesa. Nossos três hóspedes comeram novamente com sofrimento. Quando o Pastor veio buscá-los, o marido expressou sua gratidão pelo alimento e a cordialidade, e disse que isso lhes deu coragem para enfrentar o futuro.

No almoço, que saiu bem tarde nesse dia especial, sentimos nova intimidade com o outro casal solitário, e fortalecemos também a amizade já iniciada com os pais da amiga de nossa filha.

Quando me ajoelhei para orar, naquela noite, surpreendi-me ao perceber que o temível Natal solitário havia passado, e eu não tivera um só minuto para condoer-me de minha própria pessoa. As cadeiras vazias tinham sido ocupadas!

Notas Breves

CURSO DE LEITURA

O plano já está em vigência. A Associação Ministerial da DSA está enviando aos obreiros inscritos, livros conseguidos com grandes descontos. Serão enviados anualmente cinco livros de diferentes editoras, além dos livros de interesse dos obreiros, publicados pelas respectivas casas editoras. Os livros receberão a ajuda regulamentar, chegando ao obreiro a um preço muito reduzido. Envie sua inscrição, se ainda não o fez, ao seguinte endereço: ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA DIVISÃO SUL-AMERICANA Caixa Postal 07-1042 — 70000 - Brasília, DF — Brasil.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS (POR MÁRCIO DIAS GUARDA)

VALORES HUMANOS NA ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS, Dr. Siegfried Hoyler. Editora Novo Mundo Ltda, Campinas, SP, 1977, 123 pp.

O autor, Dr. Hoyler, conhecido de muitos, além de adventista, é nome destacado no campo da psicologia e assessoria de relações humanas.

O livro é uma coleção de excelentes discursos e aulas, vazados numa linguagem amena, com muitas citações e algumas anedotas apresentando a nossa filosofia (adventista) sobre o Homem.

Tanto para apreciar essa filosofia (numa leitura agradávelíssima), como para uso homilético das citações e ilustrações, recomendamos este livro.

PUBLICIDADE — UMA INTRODUÇÃO, Eugênio Malanga. Editora Atlas S. A., S. Paulo, 1976, 137 pp.

Aqui está outro livro que,

pelo título, um pastor dificilmente compraria. No entanto, contém informações muito úteis e objetivas sobre anúncios, textos, tipos gráficos, clichês, papéis para impressão, etc. Constitui-se num importante manual para quem está frequentemente relacionado com tipografias como pastor, conferencista ou departamental. Além disso, apresenta dados atualizados sobre a penetração de cada veículo de comunicação, como o rádio, a televisão, jornais e cartazes. Para quem quer saber como colocar a mensagem de forma que a possa receber "até quem passa correndo" (Hab. 2:2).

SOCORRO! ESTOU NA UNIVERSIDADE, Roy G. Gesh. Casa Publicadora Concórdia S. A., Porto Alegre, RS, 91 pp.

Excelente brochura, na qual o autor se coloca em todas as situações de um jovem cristão dentro da universidade e descreve (em versos) qual deve ser a reação do jovem em tais circunstâncias.

Muito próprio para ser apresentado (ou apenas emprestado) a jovens da igreja que passam no vestibular.

ESTIVE ENFERMO E ME VISITASTES, William A. Lauterbach. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS, 127 pp.

O livro é dividido em duas partes: a primeira mostra como proceder nas visitas a doentes; a segunda apresenta uma seleção de textos apropriados para se ler em cada caso. Dessa forma, sugere textos bíblicos para casos de enfermidade súbita, antes de uma cirurgia, alguém ferido em acidente ou em rixa, para a mãe de um natimorto, e muitas outras situações.

A PEDAGOGIA DE JESUS — O Mestre por Excelência, J. M. Price, JUERP, Rio de Janeiro, 1975, 162 pp.

Humilde e sinceramente, como convém a um estudo de tema tão maravilhoso, o autor apresenta Cristo pela Sua característica mais saliente — "Um Mestre vindo da parte de Deus". Temos muito que aprender dos princípios, métodos e objetivos de Cristo no ensino, e este livro é importante auxiliar nessa tarefa.

Tenho rico material usável em cursos para professores da Escola Sabatina ou pastores para professores da escola, apresentando pensamentos e citações excelentes.

QUANTO CUSTA A CURA

Os tratamentos médicos, hoje em dia, são caros. Voltando, porém, o olhar para um caso que ocorreu no oitavo século antes de Cristo, verificamos que talvez não pudessem ser diferente.

Quando Naamã partiu de Damasco a fim de encontrar-se com o profeta cujo Deus poderia curá-lo da lepra, levou consigo o seguinte presente ou gratificação pelos serviços prestados (os preços são calculados em seu provável valor atual):

10 talentos de prata ... 54.400 dólares ou Cr\$ 816.000,00

6.000 siclos de ouro ... 165.000 dólares ou Cr\$ 2.475.000,00

10 vestes festivas ... 2.500 dólares ou Cr\$ 37.500,00

Total: 221.900 dólares ou Cr\$ 3.328.000,00

Os homens darão uma fortuna para curar-se de uma doença. Quão melhor é preservar a saúde! — *The Ministry*.